

Fada da contracepção: o processo criativo de uma história em quadrinhos voltada para educação sexual¹

Fairy of contraception: the creative process of a comic book focused on sexual education

Mariana Silva Pinto²

Universidade Federal de São Carlos – campus Sorocaba

Maria Aparecida Alves da Silva³

Universidade Federal de São Carlos – campus Sorocaba

Hylío Lagana Fernandes⁴

Universidade Federal de São Carlos – campus Sorocaba



10.11606/2316-9877.Dossie.2023.e218400

Resumo

Traz reflexões sobre o processo criativo de uma história em quadrinhos sobre sexualidade, temática amplamente transpassada por fatores sociais e tabus em nossa atual sociedade. Foi feita a análise do processo criativo de um quadrinho produzido como material didático para a educação sexual, destinado a adolescentes estudantes dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio. Os resultados apontam a potência do trabalho coletivo e a importância do diálogo e da abertura para mudanças no processo de criação, em particular quando o tema e público-alvo estão definidos previamente.

Palavras-chave: Ensino de ciências. Sexualidade. Sífilis. Camisinha. Histórias em quadrinhos – Ensino.

Abstract

It brings reflections on the creative process of a comic book about sexuality, a theme largely permeated by social factors and taboos in our current society. An analysis was

¹ Apresentado na Seção Temática 11 - “Quadrinhos e Educação - II”, modalidade presencial, em 24 ago. 2023. Apresentação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wG3BPALiI4>. Acesso em: 18 dez. 2023.

² Graduanda em Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Federal de São Carlos – campus Sorocaba. Email: marianapinto@estudante.ufscar.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-437>.

³ Doutoranda em Educação, Universidade Federal de São Carlos – campus Sorocaba. Email: maasilva@estudante.ufscar.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5731-716X>.

⁴ Professor Associado do Departamento de Ciências Humanas e Educação, Universidade Federal de São Carlos – campus Sorocaba. Email: hylío@ufscar.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0922-867X>.

made of the creative process of a comic produced as teaching material for sexual education, aimed at adolescent students in the final years of elementary and high school. The results point to the power of collective work and the importance of dialogue and openness to changes in the creation process, particularly when the theme and public objective are previously defined.

Keywords: Science teaching. Sexuality. Syphilis. Condom. Comics – Teaching.

Introdução

O tema da Educação Sexual é relegado a segundo plano dentro da escola, pois falar sobre o assunto requer desenvoltura e conhecimento, e nesse sentido não são todos os professores que se sentem à vontade para abordá-lo, principalmente por ser um tema que causa controvérsia e é considerado tabu em nossa cultura. É possível afirmar, a partir de experiências pessoais e artigos consultados (Fernandes; Jojima; Santiago, 2016), que frequentemente essa tarefa acaba recaindo sobre os professores de biologia, uma vez que é nessa disciplina que se estuda a reprodução dos seres vivos – e, portanto, também humana. Foi a partir dos desafios de ensinar educação sexual, em particular visando os professores de biologia, que foi pensada a criação de um material para apoiar a introdução dessa temática, abrindo espaço para discussão de conteúdos mais aprofundados.

Sayão (1997), corrobora a ideia de que o papel da escola para com o ensino da educação sexual é destinado normalmente aos professores de biologia, tendo em vista o maior conhecimento do corpo humano e sua função do ensino dos aparelhos reprodutores. Porém, a autora coloca em xeque essa determinação, apontando que pouco importa a área de conhecimento do professor, desde que ele seja capaz de cumprir certos requisitos:

Se ele pode estabelecer uma relação de confiança com os alunos sem criar cumplicidades; se ele consegue suspender seu juízo de valor quando conversa com os jovens; se ele é capaz de ouvir antes de falar, sempre mantendo a posição de assimetria com os alunos, requisito indispensável para que a angústia do jovem se expresse, os conhecimentos necessários para o bom exercício do trabalho serão adquiridos com facilidade. (Sayão, 1997, p. 101)

Decorrentemente, a autora desenvolve que os alunos já possuem valores culturais, que devem ser respeitados, mas que também portam muitas dúvidas e informações equivocadas - que podem (e devem) pautar o trabalho dos professores.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Saúde Sexual é “Um estado de bem-estar físico, emocional, mental e social relacionado à sexualidade”, não sendo ela apenas a ausência de alguma enfermidade, doença ou disfunção, ressaltando que o tema requer uma abordagem respeitosa e positiva, a fim de que seja tratada da maneira mais leve possível (OMS, 2022).

Um guia de orientações do Ministério da Saúde (Brasil, 2016), afirma que a forma que a sexualidade é expressa e vivida pelo adolescente é influenciada pelos fatores e qualidade das relações moldadas em sua infância, assim como suas crenças, valores morais e até mesmo suas relações pessoais estabelecidas com o crescimento e amadurecimento. Todos esses pontos abordados podem ser resumidos nos fatores sociais que permeiam o jovem e sobre como ele foi ensinado a lidar com sua sexualidade.

Ao tratarmos então de Educação Sexual, é possível perceber que esta área é atravessada pelas inúmeras barreiras que fogem do ideal da indiscriminação proposto pela OMS. Normalmente pautada por conservadorismo institucional e pessoal de escolas, professores, pais e até mesmo dos educandos, a questão da Educação Sexual tem sido bastante discutida, colocada em pauta e criticada, positiva e negativamente, na educação básica brasileira.

O tabu estabelecido para a sexualidade reforça eminentemente algumas patologias sociais presentes atualmente, como os preconceitos relacionados ao sexismo, dentre eles, a heteronormatividade e a violência de gênero (Garbarino, 2021), assim como tem dificultado a vida sexual saudável de muitas pessoas, seja nas decorrências dos processos repressivos nas meninas, que as impede de conhecer seu próprio corpo e viver seus desejos de modo natural, como, em seu oposto, numa competitividade viril nos meninos, ensinados a nunca falhar no ato sexual (Fernandes; Jojima; Santiago, 2016).

No livro *Gênero, sexualidade e educação*, Guacira Lopes Louro (1997) aborda:

...é possível supor, pelos livros e materiais didáticos disponíveis no mercado, pelas indagações de professoras e professores, pelas reportagens e programas da mídia, que essa ainda é uma área onde todos/as se movimentam com extrema cautela e com muitos receios, onde a regra é buscar refúgio no "científico" (que é traduzido, neste caso, por um estreito biologismo), evitando a contextualização social e cultural das questões (Louro, 1997, p.133)

Portanto, mesmo tendo passado mais de duas décadas desde que foram escritas, é possível vislumbrar a validade dessas afirmações no momento presente, e compreender, a partir da autora, que a biologização da Educação Sexual, pautada nesse determinado rigor científico, forme educandos que não consigam associar os contextos sociais aos tabus, preconceitos e repressões decorrentes do sexo.

Lucio Luiz (2021), aborda como um dos apontamentos finais de sua pesquisa, que os professores desenvolvem o uso dos quadrinhos com os alunos quando percebem a existência de uma certa relação com os conteúdos dos livros didáticos, mas os quadrinhos ainda são desvalorizados como gênero textual, tratados como inferiores. A rejeição presente no uso dos quadrinhos se divide em duas questões, uma relacionada com a recusa em aceitar o novo, o diferente na sala de aula, e “o entendimento de que os quadrinhos não estão no mesmo patamar que a literatura tradicional. Pelo contrário, as HQs seriam inferiores, menos sérias e descartáveis” (Luiz, 2021, p.151).

Apesar dessas ressalvas, é preciso caminhar no sentido da superação, no viés da educação fazer uso das histórias em quadrinhos como uma alternativa extremamente viável, posto que divertida e descontraída, sem que se tire a seriedade e complexidade do tema específico a ser tratado, como no caso da Educação Sexual (Antunes; Santana; Fernandes. 2014). Segundo McCloud (1995, p. 9), “Histórias em quadrinhos são imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador”; portanto, dadas suas qualidades, os quadrinhos podem se revelar como um material de apoio didático que possibilita transmitir informações e tratar a Educação Sexual de maneira atrativa e leve, ajudando a romper preconceitos com relação ao assunto e possibilitando a quebra de tabus culturais; ademais, oferecem ao professor um material que pode

funcionar como “aquecimento”, ou seja, como uma introdução ao tema tabu associado ao sexo.

Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho foi avaliar o processo criativo na produção de uma história em quadrinhos como material didático para Educação Sexual, voltada para os estudantes dos anos finais do ensino fundamental 2 e médio, idade quando ganham forma os desejos sexuais e a curiosidade sobre o sexo, anunciando o início da vida sexual ativa. O desafio que se colocou foi justamente criar para esse público um material interessante para leitura, que apresentasse o conteúdo de forma divertida e não prescritiva. Assim, a pergunta que direcionou o trabalho foi: quais os desafios na produção de uma história em quadrinhos como material didático para Educação Sexual de adolescentes, que disponibilize informações de modo interessante ao leitor?

A partir dessa questão, o método utilizado para o trabalho em questão pautou-se na análise do processo criativo. A história em quadrinhos objeto de estudo deste trabalho foi desenvolvida num contexto de formação docente num curso de licenciatura em Ciências Biológicas, considerando a criação de um material que fosse facilitador para educação sexual de adolescentes, ou seja, foi criada sem a intenção de ser analisada. Posteriormente, pautado nos registros documentais preservados, constituídos por roteiro inicial escrito, primeiras versões quadrinizadas, sequências da reestruturação da narrativa (com criação e mudança de textos e enquadramentos), adequação dos personagens (criação de novos, mudanças no design), também em elementos subjetivos das lembranças das autoras, foi possível sistematizar elementos e dinâmicas constituintes do processo criativo.

1 - Percurso do processo criativo

O processo de criação do trabalho se deu a partir de uma provocação feita pelo professor em sala de aula, durante uma disciplina num curso de licenciatura em Ciências Biológicas, a fim de que os alunos construíssem uma história em quadrinhos que envolvesse algum tema na área de biologia. A partir de conversas entre as participantes do grupo de trabalho, relacionadas à vivência com a iniciação sexual, foi desenvolvido um projeto que abordou o ensino da sexualidade utilizando a linguagem dos quadrinhos. Foram preservados desse

processo o primeiro roteiro escrito, os diversos rascunhos desenhados para dar forma à ideia, até a versão final.

As formas de registro da produção, o percurso do processo, é um ponto importante quando se propõe avaliar o processo criativo, que Salles (2006; 2013) define como pistas deixadas pelo artista, que denunciam como ocorreu o pensamento criativo. O início desse processo pode acontecer por meio de inspirações de ideias, ou seja, algo que possa estimular o potencial criador, uma música, um filme, um livro, uma imagem, uma cena na rua, no mercado, na vida cotidiana, tudo serve como inspiração. Após esse momento, quando o tema ganha concretude e um roteiro básico se anuncia, acontece a sistematização das idéias e a organização da narrativa, que vai sendo moldada e adequada para comportar o que se pretende criar.

As autoras dessa história em quadrinhos são estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, que estão próximas da faixa etária de jovens adolescentes que foi pensada a sua aplicabilidade. Portanto, houve inspirações pessoais e retomadas de memórias que eram os questionamentos, indagações e revoltas na época dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio. A gravidez na adolescência e não planejada é um medo frequente em inúmeras meninas; portanto, o uso do preservativo como método preventivo de barreira foi pensado como uma forma de alerta e alternativa profilática que deveria estar presente na história em quadrinhos. A preocupação da gravidez real e fundamentada é transpassada por inúmeros temas de forma explícita, assim como também está cercada de pontos tabu. Dentre eles, de forma explícita, há a questão ética e moral do aborto, assim como o julgamento familiar e social que recai sobre uma menina que engravida, dentre muitas outras questões; porém o medo da gravidez pode acabar por não colocar em evidência outros perigos não explícitos de uma relação sexual desprotegida, como o caso das infecções sexualmente transmissíveis (IST).

O grande desafio com o qual nos deparamos na construção da história em quadrinhos foi sobre como abordar de maneira acessível um assunto tabu, ou seja, que não é falado abertamente, e ao mesmo tempo tão sério e de tamanha importância, intimamente associado à sexualidade, associado à insegurança com a iniciação sexual das meninas e à transmissão de infecções sexualmente transmissíveis, enfatizando nesse evento o papel dos

preservativos. Foi assim que, com uma constante desconstrução sobre o tema, e sobre a própria forma de como víamos os quadrinhos em si, foi-se criando um universo fantástico, com o pensamento de que nossas contribuições não seriam desmerecidas ou teriam menos conteúdos, mas seriam ditas de uma maneira diferente e descontraída, mantendo assim, a qualidade do conteúdo a ser tratado com uma abordagem mais divertida.

Segundo Gilbert Durand (2001), o imaginário se comporta como uma espécie de fundação que constrói as inúmeras concepções que possuímos, dentre elas as concepções de sociedade e de mundo; e essa fundação é essencial para o desenvolvimento de relações entre os indivíduos e a sociedade. O imaginário também comporta todo o universo simbólico e mágico, representações folclóricas e míticas, sejam aquelas explicitamente arquetípicas, sejam suas reconfigurações atuais, e foi a partir desse conjunto de referências que desenvolvemos o universo fantástico, apresentando de uma forma que contesta os pré-conceitos relacionados à sexualidade, construindo uma nova forma de abordar os conteúdos, tornando-se possivelmente mais leve, assertiva e com maiores possibilidades de aceitação.

O processo começou com a concepção da personagem principal: a “Fada da Contracepção”. Ela foi inspirada em pessoas reais que apresentam discussões sobre sexualidade e métodos contraceptivos nas plataformas digitais, e que acabam por operar como “fadas” ao instruir meninas nesse momento de iniciação sexual. Reconhecemos a atuação dessas pessoas, que trabalhavam com informações reais e fundamentadas, e abordavam de uma forma acolhedora e crítica, livre de julgamentos sociais, destinada a mulheres que buscam ter uma vida sexual ativa, protegida e bem-informada. Portanto, a intenção foi trazer esse acolhimento ao criar a personagem, que tem sua primeira aparição no meio de uma conversa entre duas garotas que estão iniciando sua vida sexual, transformando a “Fada da Contracepção” (figura 1) em sua confidente e consultora.

Figura 1 - Apresentação da Fada da Contraceção



Fonte: Desenvolvido pelas autoras.

A “Fada da contraceção” foi idealizada como um ser feminino, como condiz às fadas do imaginário, caracterizada pelo cabelo longo preso em um rabo-de-cavalo e um vestido com mangas bufantes; tem, para voar, dois pares de asas, como as borboletas. Ela é menor que as garotas e sua aparição, indicada como um brilho súbito que aparece no quarto, vem acompanhada pela onomatopeia “BLIM”, remetendo a um som agudo e harmônico, como de uma sineta. Os elementos estereotipados associados ao feminino são fundamentais para comunicação da ideia de fada, complementada pelas asas de inseto (se fossem asas de ave estaria mais associada aos anjos, se fosse de morcego a seres malignos) e pela estatura pequena. No último quadro ela mesma se apresenta, fazendo referência à personagem “Fada dos dentes”, mas situando-se como fada de “gente crescida”.

O processo criativo que envolveu a criação dessa personagem mobilizou, em nível conceitual, como atestam as autoras, a referência a pessoas reais que

veiculam em mídias sociais informações sobre sexualidade para meninas: são como as “fadas madrinhas” dos contos de fadas, que com conselhos e encantamentos protegem as meninas dos males do mundo. Em termos de visualidade, as autoras lançaram mão de elementos estereotipados, familiares a quem assistiu desenhos animados, que permitem uma comunicação rápida e eficiente do conceito “fada”.

Em seguida, tivemos a ideia de introduzir uma outra figura fantástica, dessa vez um super-herói: o “Senhor Camisinha” (figura 2). Ele é inserido na trama com o objetivo de completar o discurso da Fada da Contraceção, trazendo a pauta dos benefícios de se utilizar o método preventivo de barreira (preservativo) em uma relação sexual, prevenindo a gravidez e Infecções Sexualmente transmissíveis, como a gonorréia e a sífilis. Seu super-poder é a impermeabilidade, já que como preservativo nada passa por ele.

Figura 2: Apresentação do Senhor Camisinha



Fonte: Desenvolvido pelas autoras.

O Senhor Camisinha é apresentado com um formato que remete ao de um preservativo masculino, mas com dois braços, olhos e boca; sua aparição também parece ser repentina, em um clarão de luz acompanhado da mesma onomatopeia (“BLIM”) da fada, mas com menos “brilhos secundários” ao redor do clarão principal; ele carrega, como um escudo, o que parece ser a embalagem de um preservativo.

No processo de criação desse personagem, que é apresentado como sendo masculino (senhor), utilizou-se uma referência direta ao objeto “camisinha”, manifesta explicitamente no formato estilizado do personagem; ele é antropomorfizado com a adição de olhos, boca e braços, e sua expressão é tranquila, com esboço de um sorriso no segundo requadro. O conceito “preservativo masculino” fica explícito na própria imagem, mas é reforçado no texto, ao longo dos diálogos, quando suas funções vão sendo descritas e seu “poder de impermeabilidade” é apresentado (figura 3).

Figura 3 - Desenvolvimento dos benefícios do uso do preservativo



Fonte: Desenvolvido pelas autoras.

Para a apresentação do Sr. Camisinha vão se alternando balões com as falas dele próprio e da Fada da Contracepção, que se complementam ao ampliar a noção de que ele não serve apenas para prevenir a gravidez. O “poder da impermeabilidade” remete ao universo dos super-heróis, bastante familiar aos jovens, que auxilia a comunicar essa qualidade do preservativo. Coexistem na narrativa dois universos, o dos contos de fadas e dos super-heróis, que apesar de não serem oriundos da mesma fonte de referência dialogam de modo complementar e harmônico, numa sinergia híbrida que enriquece a narrativa.

2 – Ajustes e redirecionamentos

Mesmo com a introdução de um contexto fantástico, ainda assim a primeira versão da história em quadrinhos estava pautada em modelos de cartilhas sobre orientações de como usar preservativos corretamente ou sobre como cada IST atuava no organismo: na primeira versão eram descritas inúmeras páginas de conteúdo expositivo apresentados pelos personagens principais: “Ao mostrarmos essa versão do trabalho ao professor orientador, ele empolga-se, mas também nos provoca a deixar o trabalho mais lúdico, sem trazer uma narrativa monótona, prescritiva, da maneira que estávamos desenvolvendo”. Seguindo essa orientação, foi decidido retirar boa parte do material informativo do discurso proposto pela Fada da Contracepção e do Sr. Camisinha, expressos em textos longos e prescritivos que não estimulariam a leitura, e foi explorado ainda mais o processo criativo com inspirações no universo fantástico dos quadrinhos.

Dessa maneira, seguindo o princípio das tramas “heróis versus vilões”, foi que se decidiu criar o “Departamento da Sífilis” (figura 4): um departamento de super vilões que possui como objetivo invadir o próximo hospedeiro; dessa maneira, detectam as relações sexuais e se preparam para a invasão.

Figura 4 - Primeira aparição do Departamento da Sífilis



Fonte: Desenvolvido pelas autoras.

Figura 5 - Última página da história em quadrinhos desenvolvida, demonstra interação do Departamento da Sífilis com o Senhor Camisinha



Fonte: Desenvolvido pelas autoras.

Considerações finais

Considerando que o objetivo geral deste trabalho foi a avaliação do processo criativo na produção de uma história em quadrinhos como material didático para o ensino da Educação Sexual, voltada para os estudantes dos anos finais do ensino fundamental 2 e médio, pode-se dizer que, apesar da ideia central ter se delineado logo no início (o papel dos preservativos para prevenção de gravidez e IST), o roteiro foi sendo reconstruído e repensado diversas vezes, sofrendo modificações seja com relação ao texto, que passou de longos períodos com tom prescritivo para frases curtas, seja no desenho, que teve personagens redimensionados segundo aspectos biológicos, seja no número e tamanho de quadros necessários para compor novas narrativas.

Uma característica fundante a ser considerada é o fato de se tratar de um processo criativo balizado num tema e público-alvo definidos e específicos. Não se trata, portanto, de um processo criativo totalmente livre, intuitivo, uma vez que deve responder a requisitos e objetivos previamente colocados. Isso posto, o que se evidencia como fator-chave nessa análise reflexiva diz respeito à disponibilidade das autoras para mudanças. Embora, como já colocado, a ideia central não tenha se alterado muito, a forma como a narrativa foi construída e reconstruída, tanto no nível verbal como imagético, dependeu de um desapego dessas autoras com o que haviam produzido. Abrir possibilidades, seja para o inusitado, seja para mudar o estabelecido, é uma condição importante num processo de criação, na medida que essa abertura vai dimensionar o novo, abrir espaço para a mudança.

Outro ponto que merece destaque, sempre considerando o direcionamento da criação e a abertura ao novo, é que este processo foi coletivo, não individual, e embora evidentemente cada uma das autoras tenha dado sua contribuição pessoal, foi na negociação e interação das ideias que se forjou o resultado, e não apenas na ação/vontade de uma única pessoa. Não é novidade que grupos criativos têm um apelo poderoso, e neste caso podemos dizer que ele foi além, no sentido de ter sido aberto ao diálogo: a equipe criadora interagiu com o professor, que apesar de não participar diretamente na criação, problematizou elementos da narrativa, em particular do cunho prescritivo que se

apresentava aborrecido, e apontou possibilidades no universo dos quadrinhos, que permitem “dar asas à imaginação” e explorar formas fantásticas.

Quanto aos questionamentos e reflexões que motivaram o trabalho, o conteúdo tratado, pode-se dizer que as abordagens de temas com inúmeros bloqueios, como a Educação Sexual, por meio de universos fantásticos e fantasiosos pode vir a ser uma excelente alternativa, a fim de que se supere a barreira social do tabu, de maneira que se introduza o tema de forma mais leve e divertida, tornando-se um processo de desmistificação tanto para o professor quanto para o aluno.

Referências

ANTUNES, Tania; SANTANA, Izabella Mendes; FERNANDES, Hylio Laganá. “Falando de sexo sem vergonha”: dúvidas dos educandos e formação docente. *Revista de la Facultad de Ciencia y Tecnología*, Bogotá, Universidad Pedagógica Nacional, v. extra, p. 367-373, 2014.

BRASIL, Ministério da Saúde. *Cuidando de adolescentes: orientações básicas para a saúde sexual e a saúde reprodutiva*. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERNANDES, Hylio Laganá; JOJIMA, Cecília Leiko ; SANTIAGO, Jane Cristina Conzatti. Adolescência, sexualidade e formação docente: reflexão e não-diretividade para construção da autonomia. *Laplage em revista JCR*, v. 2, p. 72-85, 2016.

GARBARINO, Mariana Inés. O tabu da educação sexual: gênese e perpetuação dos preconceitos na infância. *Cadernos Pagu*, no. 63, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUIZ, Lucio. *Professores protagonistas: os quadrinhos em sala de aula na visão dos docentes*. Nova Iguaçu: Marsupial Editora, 2021.

McCLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: Makron Books, 1995.

OMS. Organização Mundial de Saúde. Redefinindo a saúde sexual para benefícios ao longo da vida. Genebra: OMS, 2022. Disponível em: www.who.int/news/item/11-02-2022-redefining-sexual-health-for-benefits-throughout-life. Acesso em: 22 abr. 2023.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado*: processo de criação artística. 6. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

SALLES, Cecília Almeida. *Redes da criação*: construção da obra de arte. 2. ed. São Paulo: Editora Horizonte, 2006.

SAYÃO, Rosely. *Os problemas da informação sexual e o papel da escola*. AQUINO, Julio Groppa (coord.). *Sexualidade na escola*: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

Recebido em: 17.11.2023.

Aprovado em: 04.12.2023.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional